

PAULO
DARZÉ
G A L E R I A

JOGOS da- GINGA

ALDEMIR MARTINS • ANDERSON AC • ELSON JUNIOR
ISABELA SEIFARTH • J. CUNHA • LEDA CATUNDA
MARCO ANTONIO RAMOS • MAXIM MALHADO • MESTRE DICINHO
MIGUEL RIO BRANCO • NELSON LEIRNER
PEDRO MILAGRES & RICARDO VILAS FREIRE
REGINA SILVEIRA • RENAN BENEDITO • WILL

JULHO
2026

JOGO DA GINGA

Poucos fenômenos culturais alcançaram a dimensão simbólica do futebol. Consolidado na Inglaterra do século XIX, em meio às transformações sociais da Revolução Industrial, o esporte rapidamente ultrapassou os limites do campo para tornar-se linguagem coletiva, rito social e instrumento de construção identitária. Ao longo do século XX, o futebol atravessou fronteiras, guerras e disputas políticas, convertendo-se em um dos maiores patrimônios imateriais da contemporaneidade. Mais do que um jogo, o futebol tornou-se território de projeção de desejos, tensões, pertencimentos e imaginários nacionais, mobilizando multidões em torno de gestos, símbolos, cores e narrativas compartilhadas.

Em anos de Copa do Mundo, essa dimensão atinge intensidade singular. O planeta reorganiza seus afetos em torno da experiência coletiva do esporte, revelando o futebol como um dos raros fenômenos capazes de produzir simultaneamente memória, espetáculo e comunidade. A arquibancada transforma-se em arena política, o uniforme converte-se em signo identitário e o corpo do jogador assume a dimensão de mito contemporâneo.



No Brasil, o futebol foi radicalmente reinventado. Introduzido pelas elites urbanas sob influência britânica no final do século XIX, o esporte rapidamente atravessou periferias, terreiros, várzeas, ruas e territórios indígenas, tornando-se espaço de invenção cultural e expressão coletiva. Ao ser apropriado por corpos negros e indígenas, o futebol brasileiro construiu uma estética própria marcada pela ginga, pela improvisação, pela dimensão comunitária e pelo deslocamento criativo das normas rígidas do jogo europeu.

Entre celebração e instrumento de disputa ideológica, o futebol tornou-se espelho das contradições do país, lugar simultâneo de festa, violência e pertencimento.



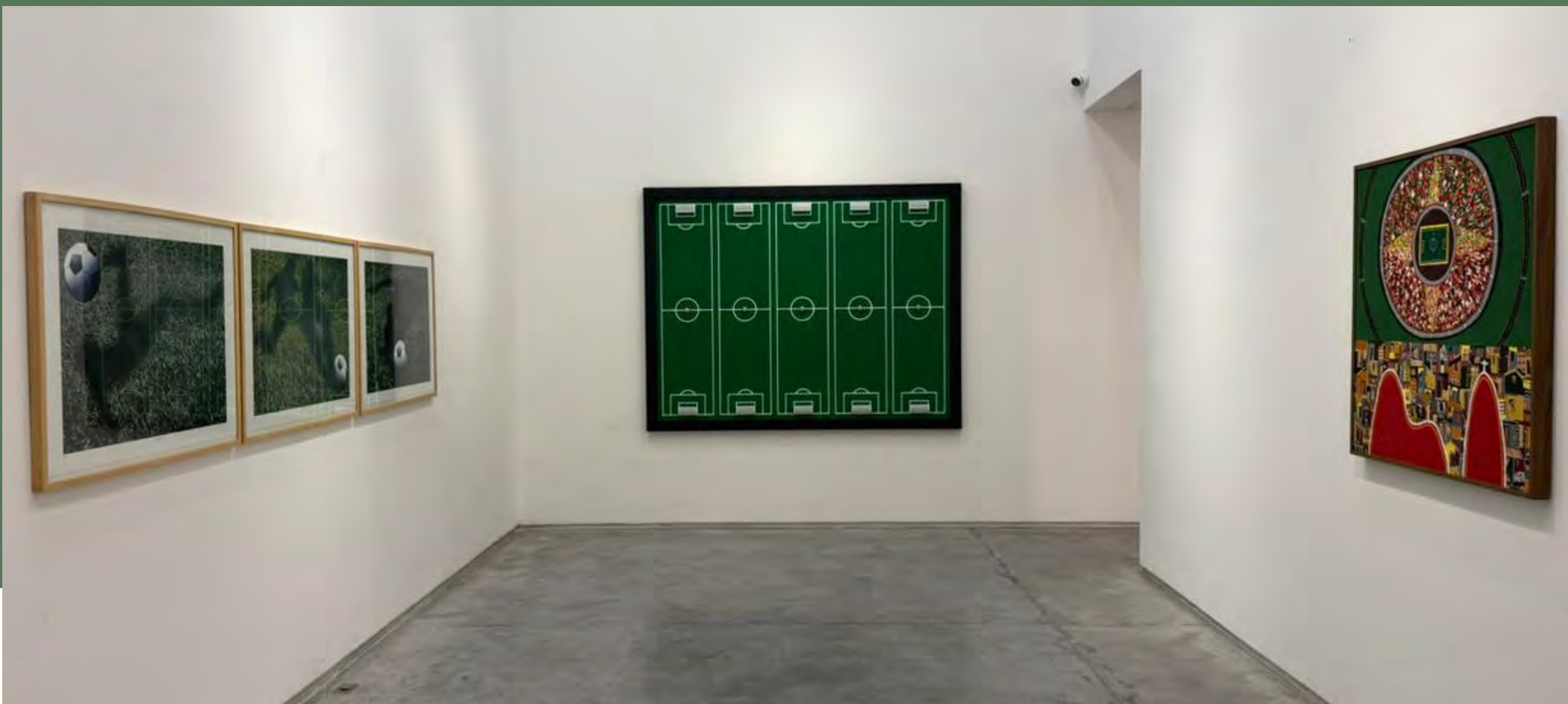
É a partir dessas tensões que a exposição Jogo da Ginga reúne artistas de diferentes gerações e linguagens presentes no acervo da Paulo Darzé Galeria. As obras aqui apresentadas não buscam ilustrar o futebol como tema, mas compreendê-lo como fenômeno visual, político e afetivo profundamente enraizado na experiência brasileira. Em comum, os trabalhos revelam como o esporte atravessa imaginários coletivos, narrativas urbanas, espetacularização midiática e processos de identidade nacional.

Nos desenhos de Aldemir Martins, o dinamismo das figuras e a síntese gráfica aproximam o futebol de uma poética brasileira. Em Leda Catunda, a materialidade têxtil e o universo dos signos de consumo tensionam as relações entre desejo, imagem e espetáculo. Nelson Leirner e Mestre Dicinho deslocam o futebol para o território da ironia e da crítica cultural, enquanto Regina Silveira investiga os regimes de percepção, presença e ausência que atravessam o imaginário coletivo.

A fotografia de Miguel Rio Branco e o vídeo de Ricardo Freire e Pedro Milagres aproximam o futebol das atmosferas urbanas e das pulsões sociais do país, revelando corpos, precariedades e intensidades que extrapolam o espetáculo esportivo. Já artistas como J. Cunha, Isabela Seifarth e Will expandem o campo simbólico da exposição ao abordar o futebol como memória urbana, experiência popular, fabulação visual e construção sensível da brasilidade contemporânea.

Nas obras de artistas como Anderson AC, Marco Antônio Ramos, Maxim Malhado, Renan Benedito e Elson Junior, o futebol aparece associado às memórias individuais e coletivas da infância periférica brasileira. Mais do que espetáculo esportivo, o campo surge como espaço de formação afetiva, convivência comunitária e projeção de futuro. Entre ruas, traves improvisadas, arquibancadas e terrenos urbanos, o esporte torna-se linguagem cotidiana capaz de organizar sonhos, pertencimentos e possibilidades de deslocamento social.





Nesses trabalhos, o futebol é também metáfora de desejo: a possibilidade imaginada de outro destino para jovens historicamente atravessados pela desigualdade. O corpo que dribla, corre e disputa não representa apenas o atleta, mas a própria experiência de sobrevivência e invenção cotidiana nas periferias brasileiras. Ao abordar o esporte a partir da memória, da infância e da fabulação do futuro, os artistas revelam o futebol como um dos principais dispositivos afetivos e simbólicos da cultura popular contemporânea.

Ao reunir diferentes temporalidades e perspectivas, Jogo da Ginga propõe compreender o futebol não apenas como espetáculo esportivo, mas como dispositivo cultural capaz de condensar afetos coletivos, disputas históricas e projeções de futuro. Em um país onde o futebol frequentemente funciona como linguagem comum entre realidades radicalmente distintas, o campo torna-se também metáfora do próprio Brasil.

Thais Darzé



ALDEMIR MARTINS

Aldemir Martins (1922-2006) foi um artista plástico brasileiro, pintor, ilustrador e escultor. Produziu, além de paisagens, os vasos de flores e as séries Gatos, que se tornaram sua marca registrada. Aldemir Martins nasceu em Ingazeiras, Sertão do Cariri, Ceará, no dia 8 de novembro de 1922.





s/ título, 1966 • óleo sobre tela • 165 x 130 cm





Futbol (juíz), 1966 • tinta gráfica sobre tela • 165 x 130 cm



s/ título, s/ data • desenho • 68 x 51 cm



ANDERSON AC

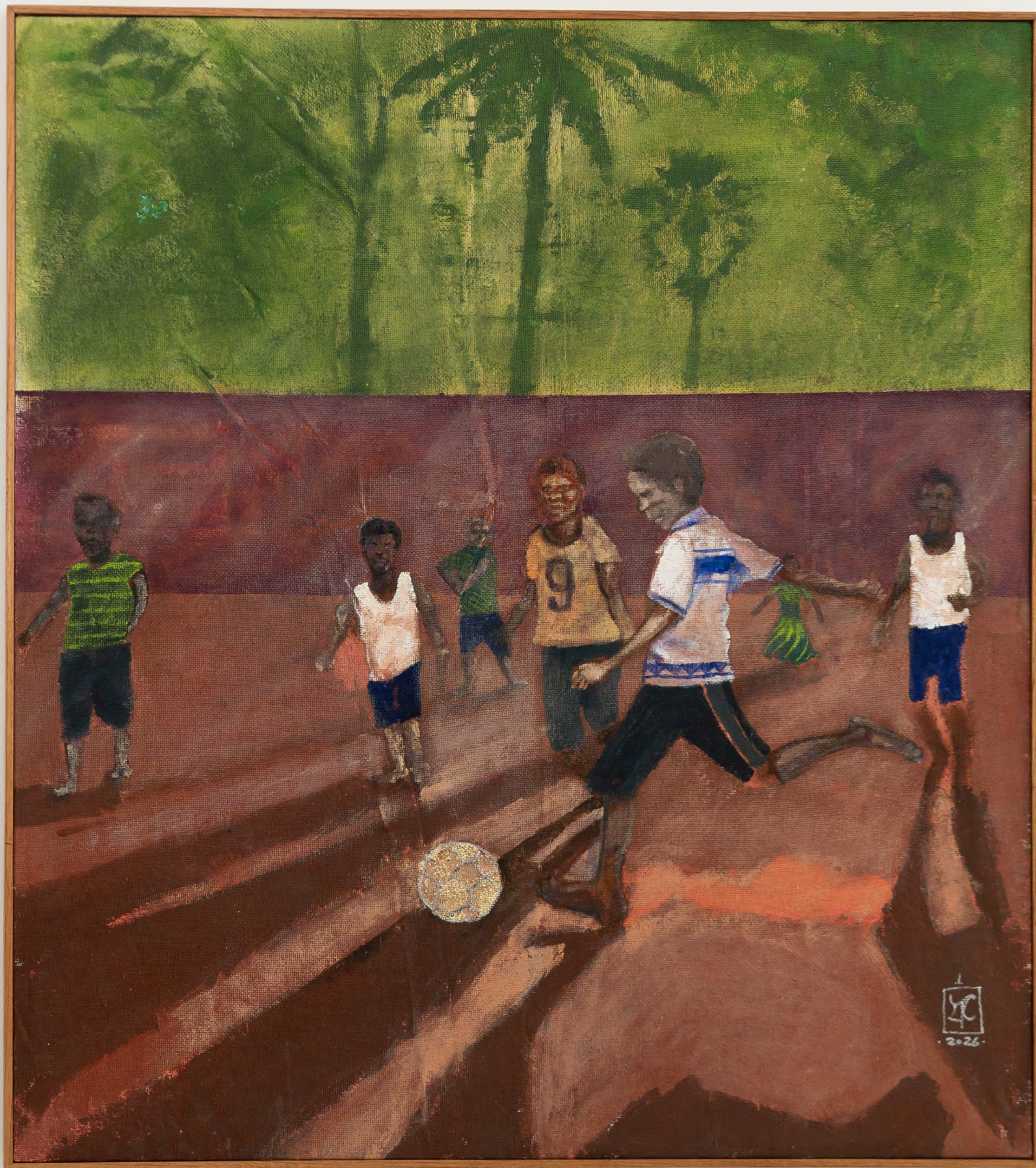
Anderson AC é um artista plástico baiano com longa trajetória nas artes visuais de Salvador. Iniciou sua carreira como grafiteiro no início dos anos 2000, integrando o coletivo 071crew e realizando intervenções urbanas pela cidade ao longo de toda aquela década. A partir de 2007, passou a expor em mostras coletivas e individuais no Brasil e no exterior — com destaque para exposições em Luanda, Estrasburgo, São Paulo e Lisboa —, consolidando uma poética que transita entre a arte urbana, a pintura muralista e a pesquisa visual de matriz afro-brasileira.





Altinha, 2026

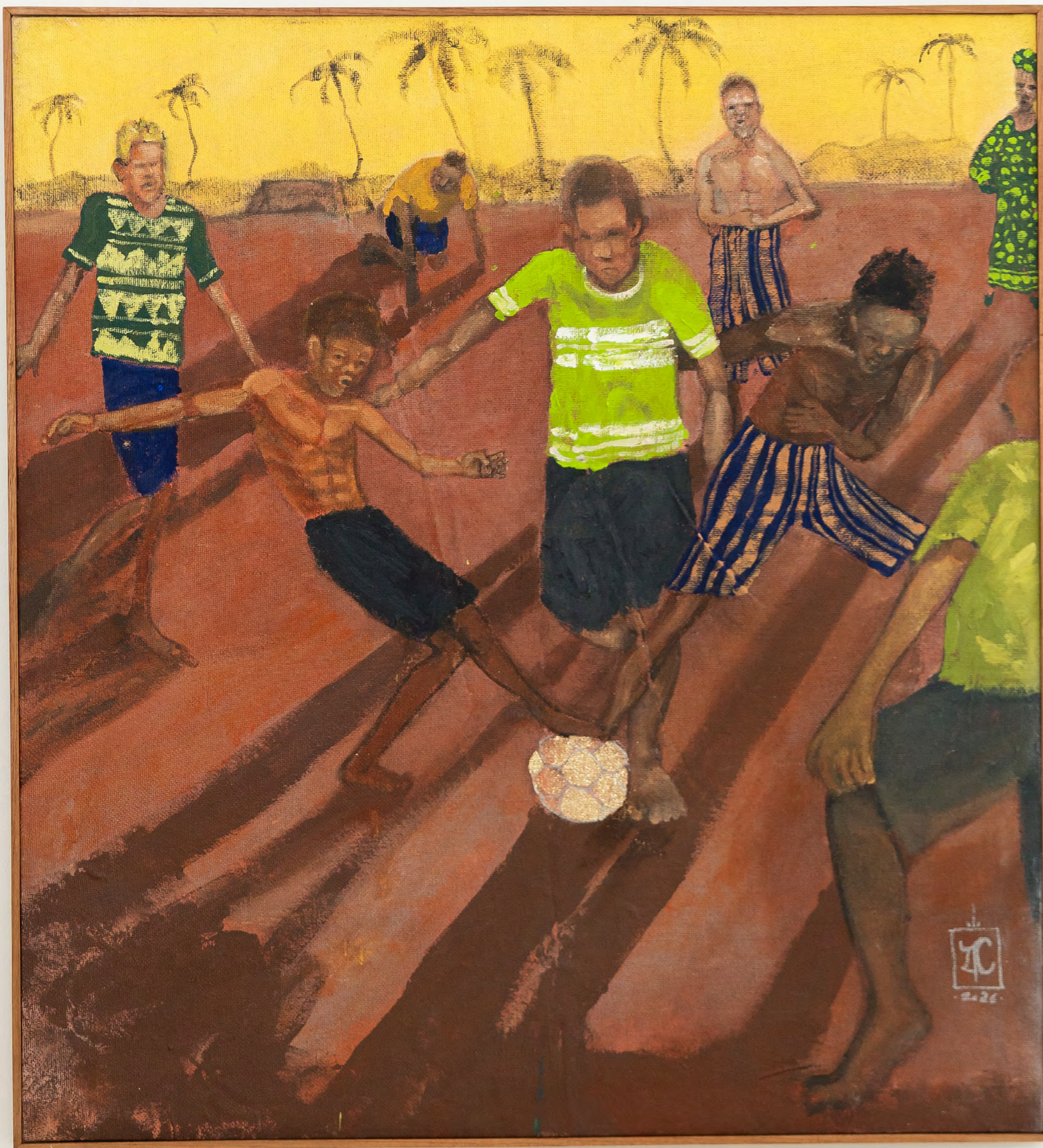
spray, acrílica, pastel oleoso e seco
e marcadores permanentes sobre tela de algodão cru
195 x 183 cm



Campo da mata, 2026

spray, acrílica, pastel oleoso, glicerina e resina acrílica sobre tessitura • 107 x 88 cm





Campos das dunas, Série Barro preto, 2026

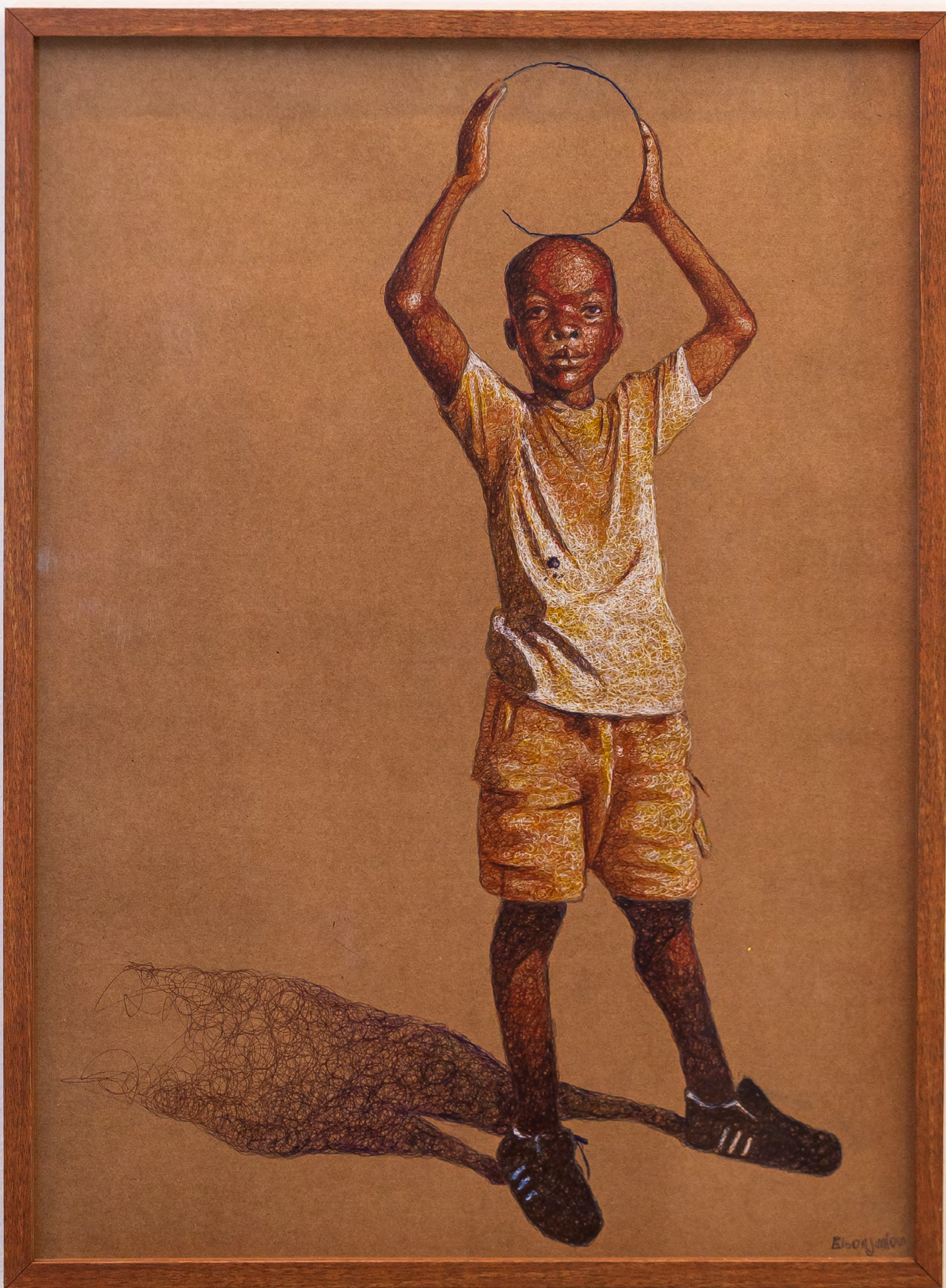
spray, acrílica, pastel oleoso, glicerina e resina acrílica sobre tela • 105 x 92 cm



ELSON JUNIOR

Elson Junior é um artista plástico baiano, formado em Artes Plásticas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e moldado pela efervescência dos movimentos afro-artísticos de Salvador. Sua linguagem visual tem na esferográfica — instrumento que não apaga e que exige convicção em cada gesto — sua ferramenta mais característica, com a qual constrói figuras hachura por hachura até que emergjam com a densidade de quem sempre esteve ali, esperando ser visto.





s/ título • 65 x 47 cm



s/ título • 65 x 47 cm



s/ título • 65 x 47 cm

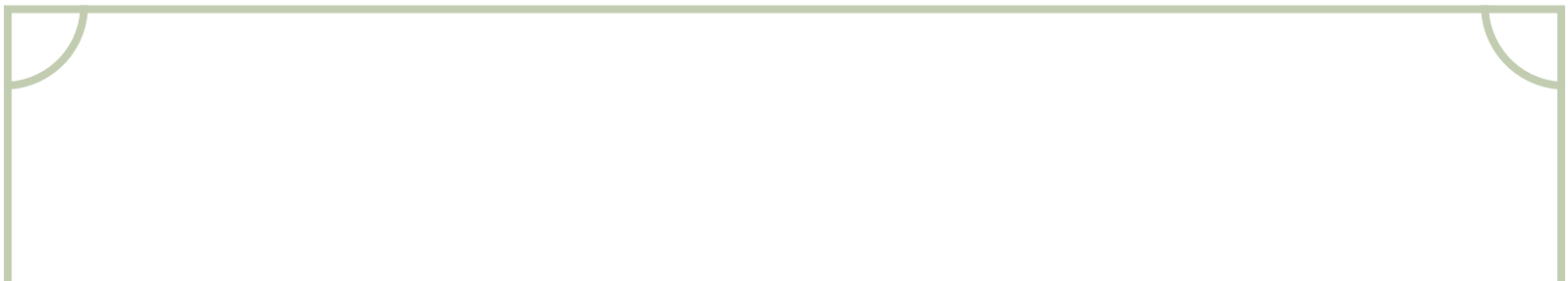


s/ título • 65 x 47 cm





s/ título • 65 x 47 cm



ISABELA SEIFARTH

Isabela Seifarth é uma artista visual baiana, formada em Arquitetura e mestranda em Artes pela UFBA, nascida e criada em Salvador e com profundas raízes em São Félix, no Recôncavo Baiano — território que alimenta sua pesquisa sobre tradições, cultura popular e acervos materiais e imateriais da região. Por meio da pintura e da cartografia, constrói narrativas coletivas em que festa, rito e convivência humana compartilham a mesma cena sem hierarquias, mapeando o que há de mais potente no encontro entre corpos, gestos e celebrações. Já participou de mais de 40 exposições coletivas, com destaque para a 30ª Biennale de Dakar (2022).





Sagrado e profano, 2025
acrílica sobre tela • 105 x 140 cm

J. CUNHA

J. Cunha (José Antônio Cunha, Salvador, 1948) é um artista plástico, designer gráfico, cenógrafo e figurinista baiano com mais de seis décadas de trajetória dedicadas à celebração e ao enfrentamento político da cultura afro-brasileira. Formado no curso livre da Escola de Belas Artes da UFBA, mergulhou desde cedo no imaginário afro-indígena e popular nordestino, desenvolvendo uma linguagem visual própria, mítica e simbólica, que atravessa pintura, cartaz, estamparia, cenografia e design urbano. Seu nome está definitivamente ligado ao Carnaval de Salvador e sua obra circulou em bienais e exposições no Brasil, na Europa, na África e nos Estados Unidos.



s/ título, s/ data
madeira • 32,5 x 37,5 x 9,5 cm



CONSTITUIÇÃO

DIREITOS CIVIS

EDUCAÇÃO

CIDADANIA



s/ título, 2013 • madeira pintada (gamela) • 41 x 32,5 x 10 cm



s/ título, s/ data
acrílica sobre tela • 96 x 97 cm



s/ título, 1999

acrílica sobre tela • 65 x 100 cm



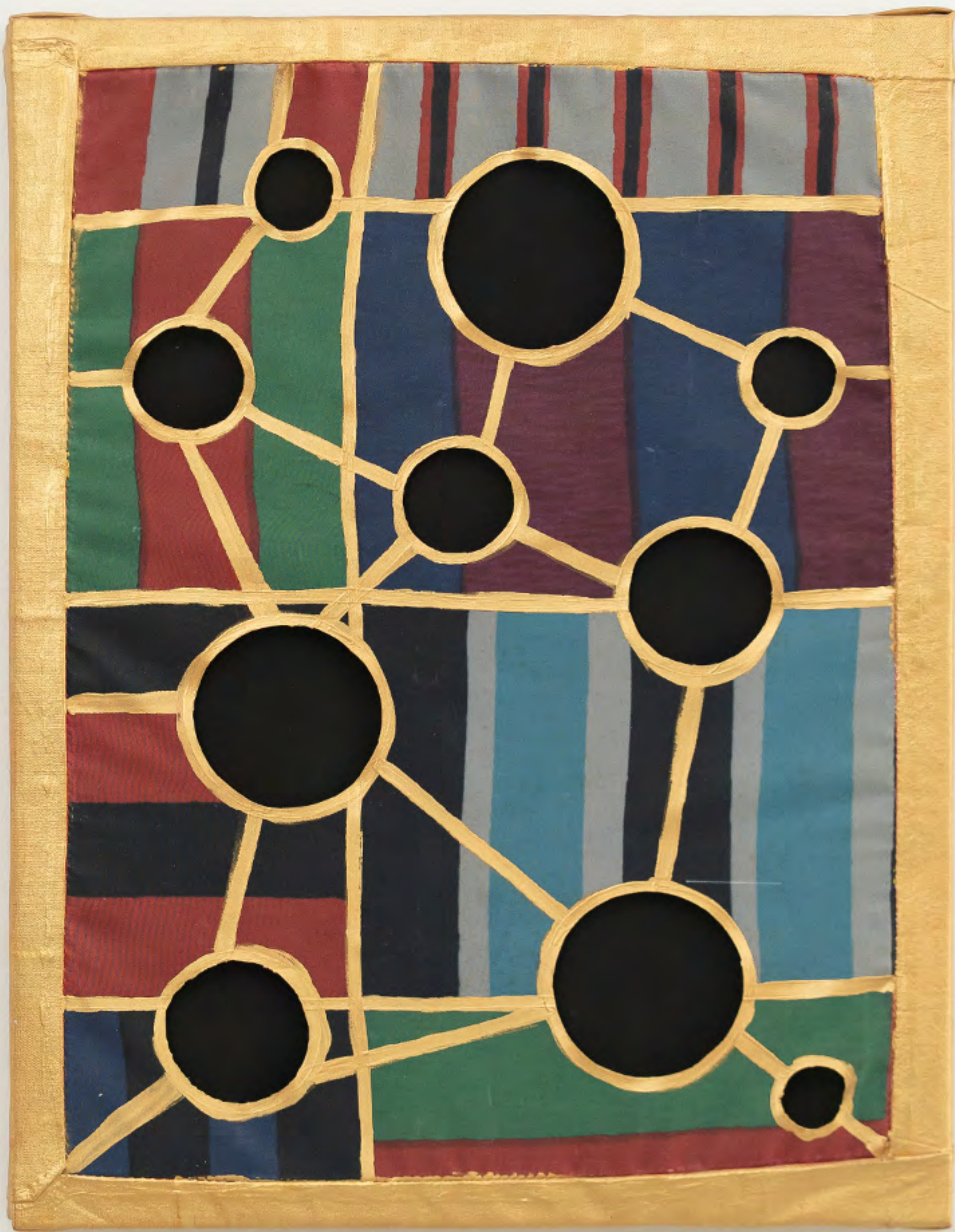


s/ título, s/ data

acrílica sobre tela • 148 x 196 cm

LEDA CATUNDA

Leda Catunda (São Paulo, 1961) é artista visual, pintora, escultora e professora brasileira, considerada um dos maiores talentos da Geração 80. Graduada em artes plásticas pela Centro Universitário Armando Alvares Penteado (FAAP) e doutora pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Sua obra explora os limites entre pintura e objeto — marcada pelo uso de materiais industrializados, volumes estofados e tecidos maleáveis —, mantendo um traço crítico voltado à banalização das imagens na sociedade contemporânea. Participou três vezes da Bienal Internacional de São Paulo e expôs em mostras de relevo no Brasil e no exterior.



Ligações, 2013 • técnica mista sobre tela • 49 x 38 cm



Noventa e cinco, 2011
acrílica sobre tecido • 230 x 294 cm



Patrocínios II, 2013
técnica mista • 184 x 255 cm

MARCO ANTÔNIO RAMOS

Marco Antônio Ramos (Salvador, 1971) é um artista visual baiano que iniciou sua trajetória nos anos 1990 sob influência da gravurista Sonia Castro, encontrando na xilogravura uma ponte com o ofício de marcenaria herdado do avô. Aprofundou sua formação no estúdio do artista J. Cunha e, a partir de 2000, nas oficinas do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), onde desenvolveu técnicas de gravura e expressão tridimensional. Cofundador do grupo Artcoceito — ao lado de Eliezer Bezerra e Formando Pigeard —, expõe no circuito de arte de Salvador, da Bahia e do Nordeste, com uma obra que mergulha na memória e no imaginário popular para construir objetos que dialogam com a arte contemporânea e com a força criativa da cultura popular.



Que chute forte, 2023 • madeira imbuia com base de ipê • 25 x 32 cm



O quadro negro sempre foi verde pra mim
moldura kaminagai com fundo de MDP naval, tinta látex e giz escolar • 80 x 90 cm





Bola retrô – futpraia, 2023
escultura de madeira de reúso • Ø 22 cm • edição: 1/7

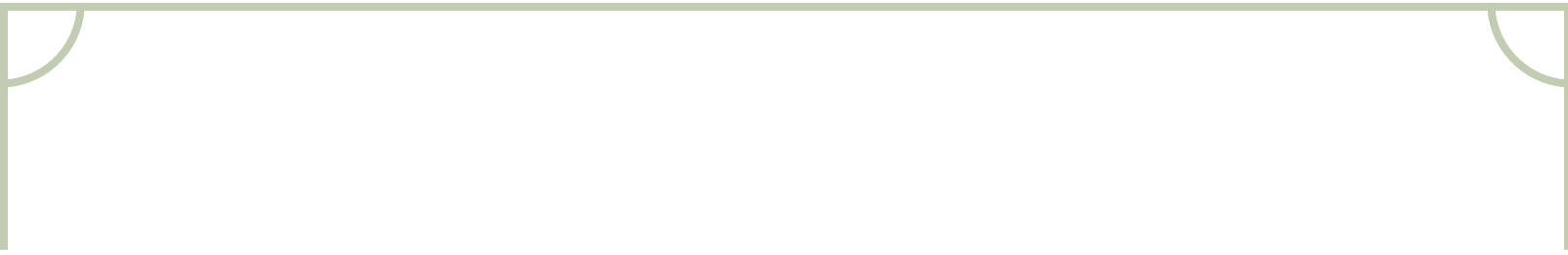


Bola quadrada, 2024

escultura de madeira de réuso ipê e cumaru • 22 x 22 x 22 cm • edição: 1/5



Bola murcha dourada, 2024
escultura de madeira e lâmina de ouro • 20 x 20 x 20 cm



MAXIM MALHADO

Maxim Malhado nasceu em Ibicaraí, Bahia, em 15 de janeiro de 1967. Mora em Massarandupió, Bahia. Tendo começado a expor a partir de 1995, foi premiado sete vezes nos Salões Regionais da Bahia, e, em 2001, recebeu o Prêmio Aquisição no VIII Salão do Museu de Arte Moderna da Bahia. Foi selecionado no Itaú Cultural – Rumos Visuais 2001-2003, e em 2004 participou da 26ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo. Entre suas exposições: Salão Nacional de Goiás; Salão Nacional de Arte do Pará; Salão Nacional de Curitiba, Paraná. Sua obra está nos seguintes acervos: Galeria ACBEU, Salvador, Bahia; Projeto Salvador Porto e Mar – Codeba; Centro Cultural Danneman, São Félix, Bahia; Instituto Cultural Brasil-Alemanha/ICBA, Salvador, Bahia; Museu de Arte Moderna da Bahia. Recentemente participou da Bienal de Montevideú, Uruguai.





Escanteio, 1992

Objeto em madeira • 13 x 18 x 18 cm

Gol, 1992

Objeto em madeira • 16 x 18 x 18 cm





Bate baba, 1992

Objeto em madeira, fórmica e pregos • 91 x 57 x 72 cm

MESTRE DICINHO

Mestre Dicinho (Adilson Costa Carvalho) é um dos protagonistas da revolução cultural da Tropicália, movimento que fundiu tradição, vanguarda e cultura pop no panorama artístico brasileiro. Com mais de 50 anos de produção, sua obra atravessa pintura, ilustração, escultura, cenografia, figurino e performance, tendo como marca mais singular as chamadas “esculto-pinturas” — peças moldadas em copageti (cola, papel, gesso e tinta), material desenvolvido por ele em anos de pesquisa — e posteriormente pintadas com uma estética que transita entre a tropicalidade, a psicodelia e a cultura popular. Autoexilado em seu ateliê em Salvador, segue ativo e vê sua obra ser progressivamente redescoberta.



s/ título, s/ data

Escultura massa copageti pintada • 78 x 65 x 6,5 cm



s/ título, s/ data

Escultura em massa copageti pintada • 42 x 85 x 14,5 cm





MIGUEL RIO BRANCO

Miguel Rio Branco (1946) é um pintor, fotógrafo, cineasta e criador de instalações multimídia brasileiro, neto do ilustrador J. Carlos e bisneto do Barão do Rio Branco. Formado no New York Institute of Photography e na Escola Superior de Desenho Industrial do Rio de Janeiro, desenvolveu ao longo de seis décadas uma obra de forte carga poética que transita entre o fotojornalismo, o cinema experimental e as artes visuais. Nos anos 1980, foi aclamado internacionalmente com prêmios como o Grande Prêmio da Trienal de Fotografia do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) e o Prêmio Kodak de la Critique Photographique (França, 1982), e suas fotografias circularam por instituições como o Centre Georges Pompidou, o Stedelijk Museum de Amsterdã e o Metropolitan Museum de Nova York, onde integra o acervo permanente.



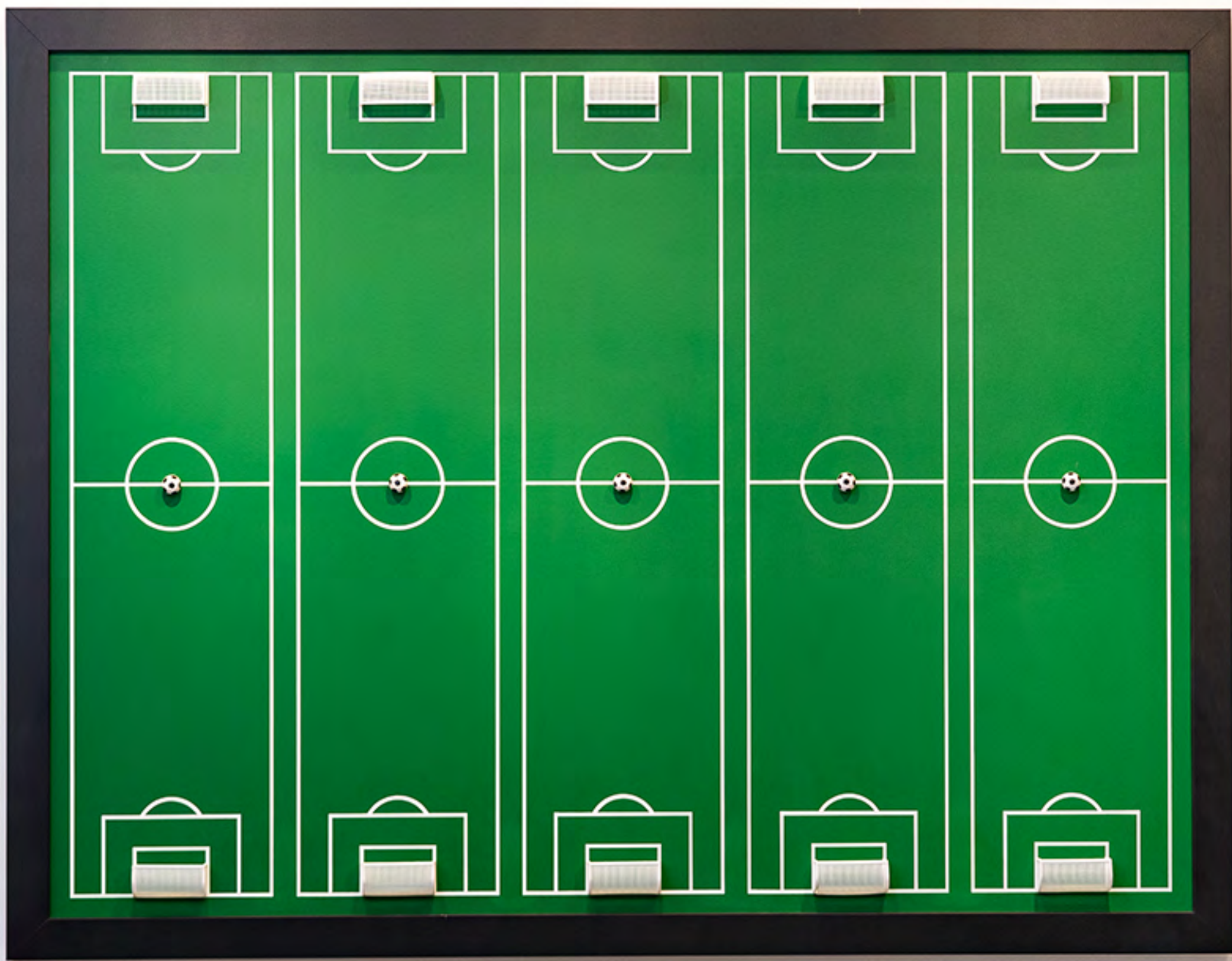


De ponta-cabeça, 1984/2018

fotografia • 66,6 x 100 cm • edição: 1/10 + PA

NELSON LEIRNER

Nelson Leirner (São Paulo, 1932 — Rio de Janeiro, 2020) foi um dos mais expressivos representantes do espírito vanguardista brasileiro, atuando como pintor, desenhista, cenógrafo e criador de happenings e instalações. Filho do colecionador Isai Leirner e da escultora Felícia Leirner, tornou-se figura central da cena experimental dos anos 1960 ao fundar o Grupo Rex, que questionava o sistema da arte com ironia e provocação. Sua trajetória é marcada pelo comentário crítico e bem-humorado sobre a cultura de massas e as instituições artísticas — recusou-se a participar das Bienais de São Paulo de 1969 e 1971 por posição política contra a ditadura militar e provocou debate ao enviar um porco empalhado ao Salão de Arte Moderna de Brasília. Lecionou por duas décadas na FAAP e foi reconhecido como um dos grandes nomes da arte contemporânea brasileira.



s/ título, s/ data

Técnica mista sobre placa • 170 x 220 x 6 cm





**PEDRO
MILAGRES**

&

**RICARDO
VILAS
FREIRE**



Pedro Milagres (Montes Claros, MG) é artista e diretor de fotografia. Por meio de esculturas e instalações, desenvolve sua pesquisa em torno do micélio como potencial energético e sensor ambiental. Articulando matéria viva, dispositivos eletrônicos e ficção na criação de obras que investigam a relação entre o gesto humano e a natureza, as disputas pela paisagem e as possibilidades de coexistência. Em 2025, realizou a exposição individual Decomposição, no Museu Regional do Norte de Minas. Seu trabalho já participou de exposições coletivas e festivais de vídeo e cinema, como o Ibrida Festival, e da exposição coletiva Apresentando: Projeto GAS, da Galeria Anita Schwartz.

Ricardo Vilas Freire é um artista multidisciplinar brasileiro que cria universos poéticos a partir de práticas sociais coletivas, articulando arquiteturas, paisagens populares e jogos como campos performáticos. Atualmente mora e trabalha em Belo Horizonte/MG. Bacharel em artes pela School of the Art Institute of Chicago, seu trabalho foi exibido na 17ª Bienal de Artes Mediales de Santiago, no 5º Festival Internacional de Performance Imaginários Urbanos, na Ocupação Artística Paulo Nazareth, na Associação Atlética de Chicago, no Chicago Cultural Center e na 7ª Bienal do Sertão, onde assinou a programação visual do projeto.





Clique aqui para assistir

Jardim Olímpico, 2026

Vídeo

REGINA SILVEIRA

Regina Silveira (Porto Alegre, 1939) é uma artista plástica e arte-educadora brasileira, figura central na consolidação da arte conceitual no Brasil. Formada pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) — onde estudou com Iberê Camargo —, mestre e doutora pela ECA-USP, desenvolveu ao longo de décadas uma obra que transita da gravura e da vídeo-arte às grandes instalações em espaços arquitetônicos, tendo as distorções de perspectiva e o jogo com sombras e simulacros como marcas definidoras de sua linguagem. Lecionou na FAAP e na USP, recebeu bolsas Guggenheim, Pollock-Krasner e Fulbright, expôs em instituições como o Museu Reina Sofía (Madri), o Guggenheim de Nova York e a Fundação Iberê Camargo, além de participar das Bienais de São Paulo, do Mercosul e de Taipei.



Ausência, 1985

Gravura • 45 x 67 cm • edição: 6/6 P.A





s/ título

Gravura • 60 x 87 cm



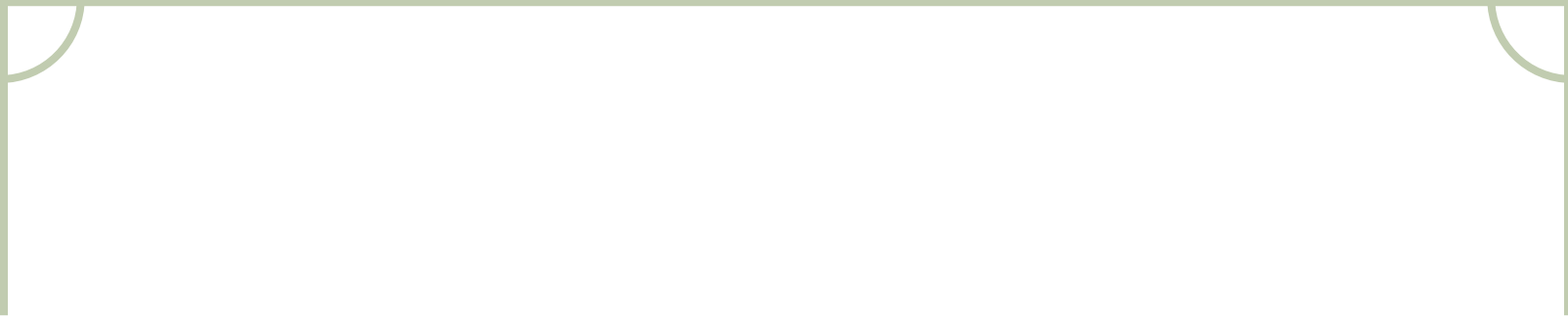
s/ título

Desenho • 60 x 87 cm



s/ título

Gravura • 60 x 87 cm



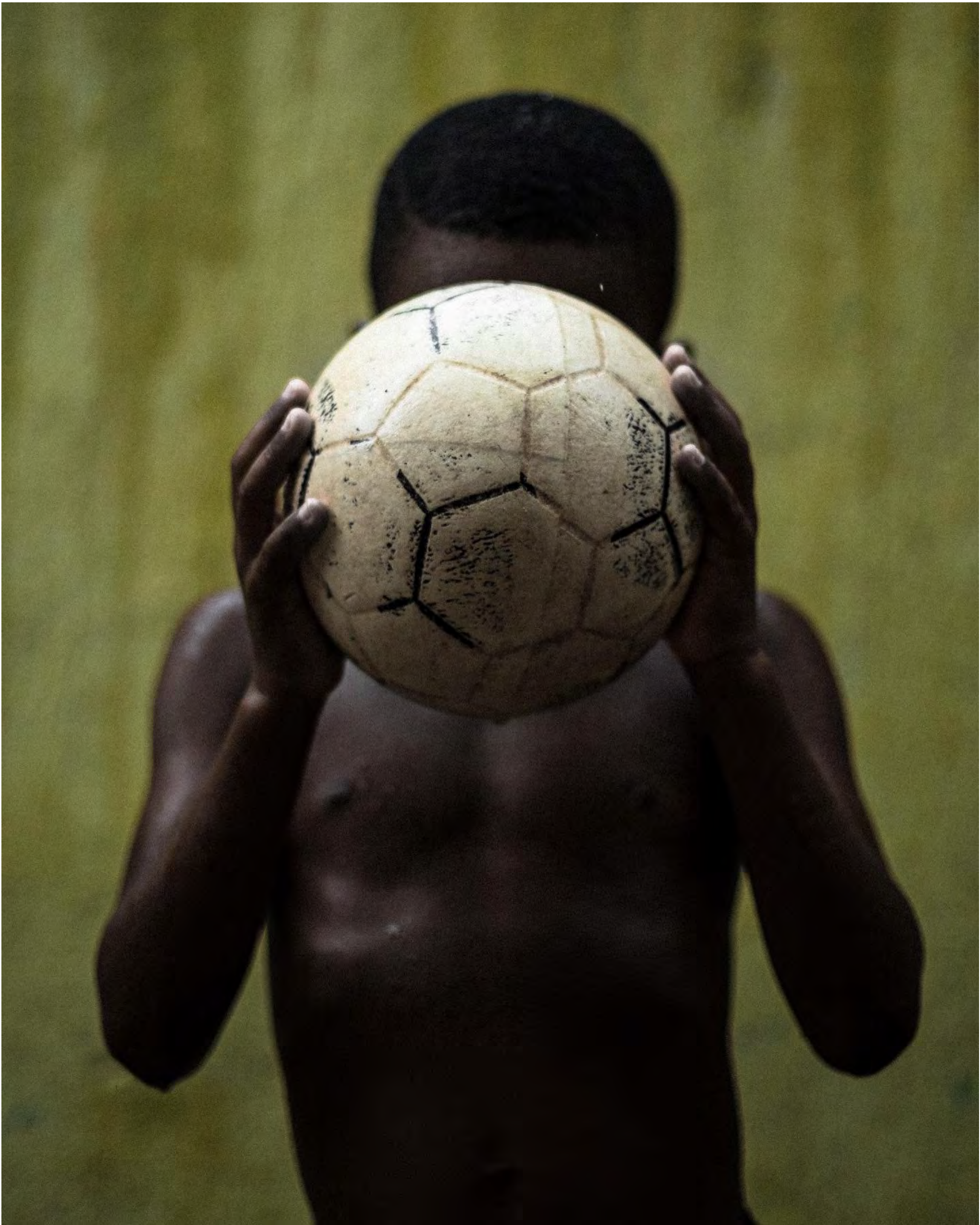
RENAN BENEDITO

Renan Benedito (Salvador, 1997) é um fotógrafo e diretor que teve seu primeiro contato com a fotografia aos quinze anos. Já expôs no MAM-BA, SP-Arte, SP-Foto e Palacete das Artes. Em 2020, venceu o Concurso Singular Plural. No mercado publicitário, assina trabalhos para marcas como Netflix, ELLE, Facebook e Itaú. Em sua produção autoral — com destaque para as séries *Infância Periférica* e *Simplesimenso* (2019), produzidas com pigmento mineral sobre papel de algodão —, Renan dirige seu olhar para a infância periférica, construindo imagens carregadas de inocência, alegria e esperança que afirmam a autoestima e a potência das crianças retratadas.





Sonhos traçados, 2019
fotografia • 50 x 75 cm • edição: 1/10



Cabeça de bola, 2020 • fotografia • 30 x 20 cm • edição: 1/2 P.A + 1/10



s/ título, 2019

fotografia • 20 x 30 cm • edição: 1/2 P.A, ed.10



Flutuart, 2019 • fotografia • 30 x 20 cm • edição: 1/2 P.A, ed.10



Equilibrat, 2019 • fotografia • 30 x 20 cm • edição: 1/2 P.A, ed.10

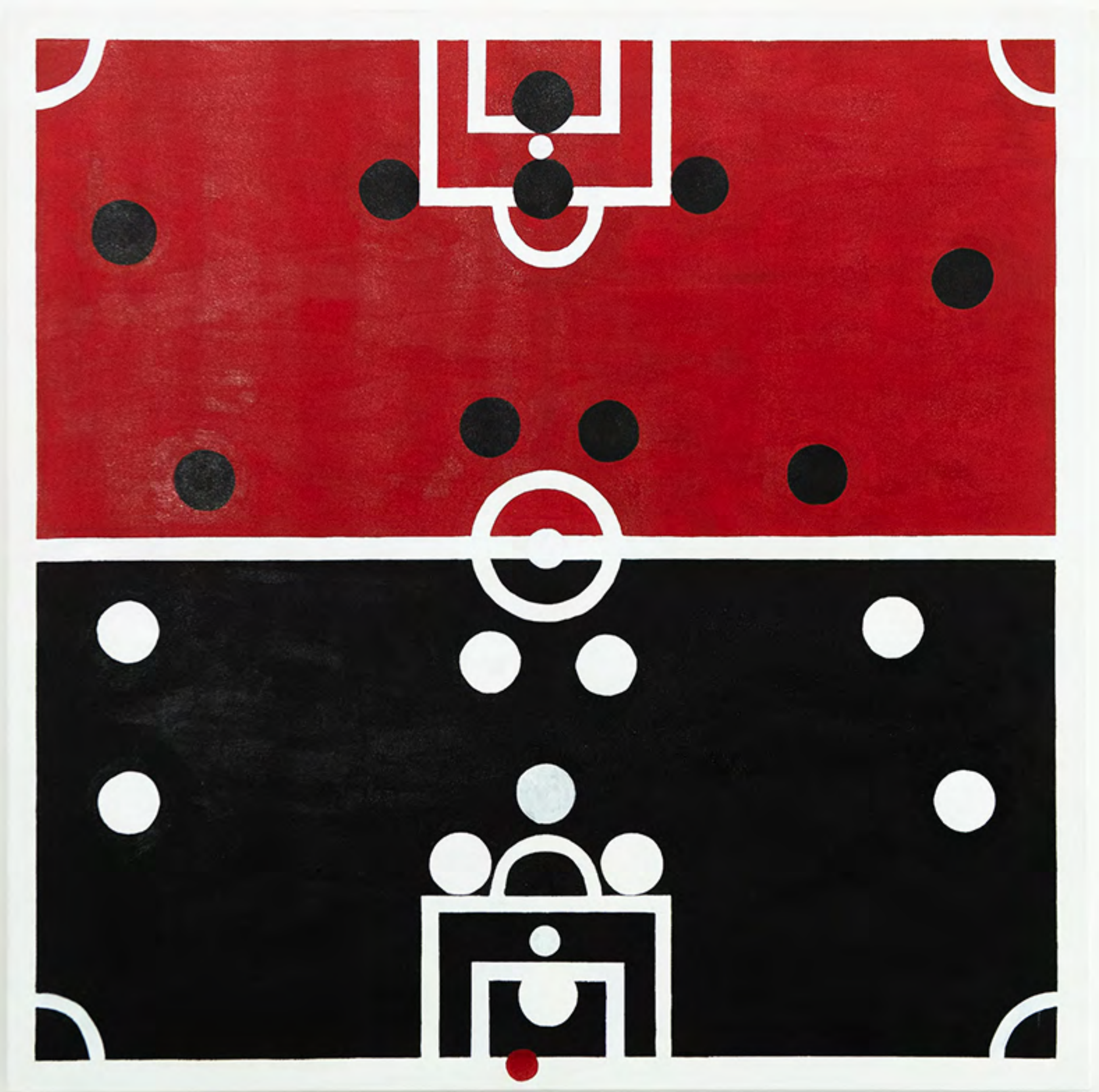


Santiago, 2020 • fotografia • 30 x 20 cm • edição: 1/2 P.A, ed.10

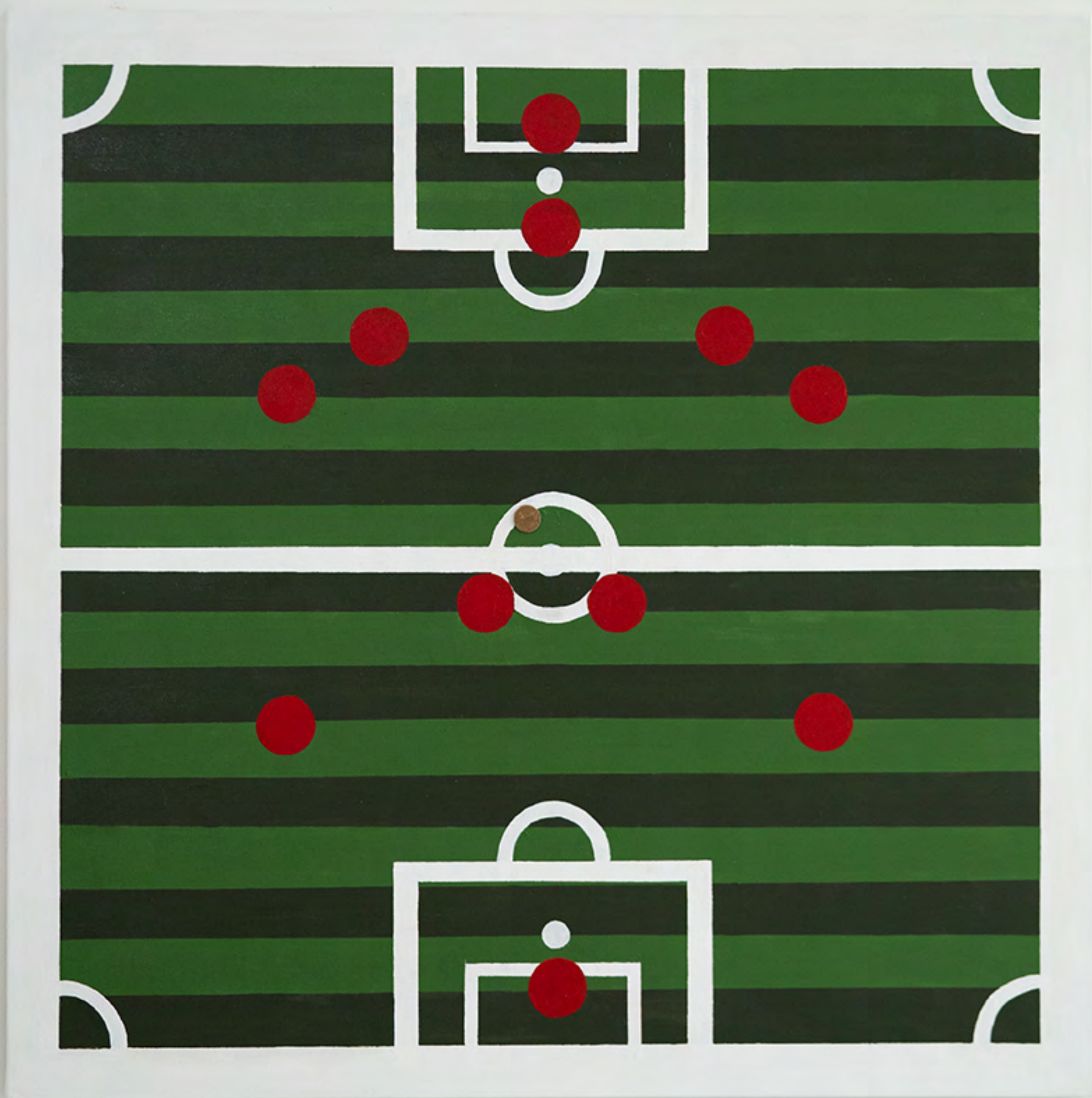
WILL

William Lima (Belo Horizonte, 1984) é um artista visual e graduando em Artes Visuais pela Universidade Famart, com formação multidisciplinar que atravessa pintura, entalhe e escultura em madeira, fotografia, desenho técnico e web design. Autoidentificado como artista afrofuturista e cosmopolita, constrói sua poética a partir de uma “pedagogia do axé” — saberes transmitidos pela oralidade, pela memória e pela escuta às ancestralidades —, alimentada por viagens a sertões, quilombos, aldeias indígenas e espaços de referência afro-brasileira em Belo Horizonte, como o Largo do Rosário e a Pequena África.





Jogo do século, 2026
acrílica sobre tela • 100 x 100 cm



Movimento, 2026
acrílica sobre painel • 100 x 100 cm

Coordenação

Paulo Darzé e Thais Darzé

Texto e curadoria

Thais Darzé

Produção executiva

Aline Camargo

Dulcivalva de Menezes Góes

Patrícia Nunes

Fotografias

Renan Benedito

Montagem

Alex Sandro Almeida Oliveira

Antonio Jorge Reis dos Santos Jr.

Jenivaldo Jesus dos Santos

Projeto gráfico e diagramação

P55 Edição

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8

Corredor da Vitória, Salvador, Bahia • CEP 40081-310

www.paulodarzegaleria.com.br • [@paulodarzegaleria](https://www.instagram.com/paulodarzegaleria)





PAULO
DARZÉ

G A L E R I A